

O MEIO RELATIVO A NÓS EM ARISTÓTELES

JOÃO HOBUSS

(Universidade Federal de Pelotas - Brasil)

Abstract:

The essential intent of this paper is to elucidate the meaning of the term *pros hêmas* appearing inside the Aristotelian definition of moral virtue. In this definition, after having established the *genus* of virtue as a disposition (*hexis*), Aristotle offers his specific difference, i.e., being a mean *pros hêmas* (relative to us). What is the meaning of “relative to us”? Relative to us as specie? Relative to the moral agent? Relative to the character? Every one of these possibilities will be analyzed, in an attempt to demonstrate that none of them fulfills the Aristotelian intent, because *us* in the expression “relative to us” seems to point out to circumstances in which the agent is involved with, what seems to be asserted in several passages of the *Nicomachean Ethics*.

Keywords: virtue, mean, circumstances.

Após ter definido o gênero da virtude como sendo uma *hexis* (disposição), Aristóteles vai buscar estabelecer sua diferença específica na *EN* II 5-6, pois não basta defini-la simplesmente como uma disposição, já que se faz necessário, segundo Aristóteles, conhecer que tipo de disposição ela realmente é. Sabe-se que a virtude “leva a bom termo e desempenha bem a função daquilo de que é virtude”¹, isto é, a virtude de um determinado órgão garante seu bom funcionamento, a realização plena de sua função. Este raciocínio aplica-se naturalmente a outros objetos, dentre eles o homem, pois é em consequência da virtude que ele se torna bom e bem desempenha sua função².

Ora, a virtude é uma disposição que pressupõe agir de modo deliberado consistindo, e esta é sua diferença específica, numa mediedade (*mesotês*), a qual é racionalmente determinada, como a determinaria o prudente (*phronimos*)³. Mas a virtude não consiste tão somente numa mediedade, na medida em que Aristóteles acrescenta que ela deve ser entendida como sendo uma mediedade “relativa a nós” (*en mesotêti ousa têi pros hêmas*), mediedade entre dois vícios, o excesso e a falta.

Mas o que realmente significa ser a virtude uma mediedade “relativa a nós”? Para responder a tal indagação é necessário observar no texto aristotélico o percurso que o leva a defini-la desta forma

A análise que Aristóteles faz deste ponto principia deste modo:

Em todo contínuo e divisível é possível tomar mais (*pleion*), menos (*ellaton*) e igual (*ison*), e isso conforme a própria coisa ou relativo a nós; o igual é um meio (*meson*) entre excesso e falta. Entendo por *meio da coisa* o que dista igualmente de cada um dos extremos, que justamente é um único e mesmo para todas; por *meio relativo a nós*, o que não excede nem falta, mas isso não é único nem o mesmo para todos⁴.